

## O cognitivo e o social nos estudos linguísticos: inimigos íntimos?

*Augusto Soares da Silva*  
Universidade Católica Portuguesa – Braga

### Abstract

The aim of this paper is to argue about the compatibility between the cognitive and the social perspectives of language. In the framework of Cognitive Linguistics, we will discuss the need to systematically integrate language-internal variation in the cognitive agenda. First, we will show that the development of theoretical linguistics includes opposing interpretations about the relationship between cognitive and social aspects: the decontextualizing trend explored by Generative Grammar and the recontextualizing movement taken over by Cognitive Linguistics. Second, we will indicate the main reasons “to go from psychological to social”. Finally, we will identify the contributions of the emerging Cognitive Sociolinguistics and will present the guidelines for a research about convergence and divergence between European and Brazilian Portuguese.

**Keywords:** cognitive sociolinguistics, embodiment, language variation, social cognition

**Palavras-chave:** cognição social, corporização, sociolinguística cognitiva, variação

### 1. Introdução

Perspectiva cognitiva e perspectiva social da linguagem serão compatíveis? Poderá a abordagem da linguagem de um ponto de vista psicológico, e portanto como parte da organização do conhecimento na mente individual, integrar os aspectos sociais das línguas? Poderá a concepção da cognição humana reconhecer como determinantes os aspectos interindividuais, sócio-culturais e variacionais? Um breve olhar retrospectivo para a linguística cognitiva de N. Chomsky encontra respostas negativas. Procuramos neste estudo argumentar sobre a compatibilidade entre as perspectivas cognitiva e social da linguagem, sobre a não separação entre conceptualização e interação social. Fá-lo-emos na perspectiva da Linguística Cognitiva (Geeraerts & Cuyckens eds., 2007) e mostraremos como este paradigma que estuda a linguagem como parte integrante da cognição humana e metodologicamente se apresenta como um “modelo baseado no uso” linguístico, com origem há três décadas nos trabalhos de G. Lakoff, R. Langacker e L. Talmy, não só permite como promove uma visão integrada da linguagem. Existem, todavia, algumas resistências à inevitabilidade de integrar na agenda da Linguística Cognitiva a variação *lectal* (dialectal, sociolectal, idiolectal) e outros aspectos sociais da linguagem.

Primeiramente, mostraremos que o desenvolvimento da linguística teórica no século XX se caracteriza por uma sucessão de interpretações opostas sobre as relações entre os aspectos cognitivos e os aspectos sociais da linguagem: a uma tendência descontextualizadora, exemplarmente elaborada pela Gramática Generativa como “cognitivo sem social” (e sem outros factores contextuais), segue-se um movimento recontextualizador, protagonizado por alguns desenvolvimentos da linguística pós-chomskyana, principalmente a Linguística Cognitiva. Indicaremos, a seguir, as razões principais para “ir do psicológico ao social” e aí destacaremos a necessidade de reinterpretar a cognição humana em termos de “cognição situada”, “cognição sinérgica” ou, simplesmente, “cognição social”. Finalmente, identificaremos as principais áreas de investigação socialmente orientada dentro da Linguística Cognitiva, com particular atenção para a emergente Sociolinguística Cognitiva, e apresentaremos as linhas gerais de um programa de sociolinguística cognitiva centrado na questão diacrónica da convergência e divergência entre o português europeu e o português brasileiro.

## 2. Cognitivo ou social, na Linguística moderna?

Encontramos na Linguística moderna duas respostas diferentes à questão da compatibilidade das perspectivas cognitiva e social da linguagem: para a Linguística Generativa, a resposta é não; para a Linguística Cognitiva, a resposta é sim, embora com algumas dificuldades. Vejamos, sucintamente, estas duas respostas no contexto do desenvolvimento da Linguística no século XX: de um lado, a concepção genética da linguagem desenvolvida por Chomsky e a sua estratégia de *descontextualização* da gramática; do outro lado, e desde os primeiros trabalhos de Langacker, Lakoff e Talmy no início dos anos 80, a perspectiva integrada da linguagem e a consequente *recontextualização* da gramática, a par de uma certa tensão entre o cognitivo e o social no desenvolvimento actual da Linguística Cognitiva.<sup>1</sup>

### 2.1. Cognitivo sem social

A lógica descontextualizadora elaborada pela Gramática Generativa torna-se compreensível se tomarmos como ponto de partida Ferdinand de Saussure. Com a sua famosa dicotomia entre *langue* e *parole*, Saussure (1967: 25-30) criou uma gramática internamente dividida. De um lado, está a *langue*, que Saussure define como sistema social, conjunto de convenções, código partilhado pelos membros de uma comunidade. Do outro lado, está a *parole* ou actividade psicológica de cada indivíduo falante, que consiste na produção de combinações específicas de elementos disponíveis no código. Desta forma, Saussure abre um buraco na concepção da linguagem: qual é o elemento

---

<sup>1</sup> Geeraerts (2003a) caracteriza o desenvolvimento da Linguística no séc. XX em termos de uma sucessão de movimentos descontextualizadores (com expressão mais representativa na Gramática Generativa) e recontextualizadores (característicos da linguística pós-chomskyana e com elaboração mais consistente na Linguística Cognitiva), e idêntica sucessão encontra-a também no desenvolvimento da teoria literária. No que à Linguística diz respeito, ver também Silva (2005).

que estabelece a ligação entre o social e o psicológico, entre a comunidade e o indivíduo, entre o sistema e a sua aplicação, entre o código e o uso actual do código? O mesmo é dizer, Saussure concebe *o social sem o cognitivo*.

A resposta fundamental àquela questão é formulada por Noam Chomsky com a não menos famosa dicotomia entre *competência* e *performance*, mais precisamente, com o primeiro conceito. Sendo a *performance* essencialmente equivalente ao conceito saussureano de *parole*, é o novo conceito de *competência*, entendido como a gramática interna do falante, o conhecimento individual do sistema linguístico (Chomsky, 1965: cap. 1), que vem tapar o buraco criado por Saussure e, assim, fazer a ponte entre o código social e o uso individual.

Ao mesmo tempo, porém, Chomsky abre um novo buraco no sistema: ao optar por uma nova concepção dicotómica da linguagem, deixa agora de fora os aspectos sociais da linguagem, isto é, a *langue* saussureana. Esta concepção do *cognitivo sem o social* decorre da preferência de Chomsky pela perspectiva genética da linguagem: se a faculdade da linguagem é inata e universal, então a linguagem, primariamente, não é um código social ou, o mesmo é dizer, a origem do conhecimento linguístico não é social.

Ou seja: as dicotomias de Saussure e de Chomsky criaram rupturas numa concepção necessariamente tripartida da linguagem, que elas próprias ajudaram a construir e que inclui o sistema social ou *langue*, o conhecimento individual do sistema ou *competência* e o uso individual do sistema ou *parole/performance*. Além disso, ambas relegaram para um lugar de somenos interesse científico a existência mais real da linguagem, isto é, como actividade interindividual ou uso, como *parole/performance*.

Importa ainda perceber que a assunção chomskyana de uma concepção genética da linguagem, alicerçada na ideia da faculdade da linguagem *inata e universal* e configurada na *teoria da modularidade* do funcionamento cognitivo e linguístico, conduziu a um isolamento ou *descontextualização* da gramática. Geeraerts (2003a) reconstrói a estratégia autonomista e descontextualizadora de Chomsky na forma da seguinte cadeia de quatro argumentos:

- se a linguagem não é primariamente social, então tem que ser genética: é este o argumento básico de Chomsky, que decorre, por um lado, da sua falta de interesse pela vertente social da linguagem e, por outro lado, e historicamente, da sua oposição ao behaviorismo linguístico (não sendo possível explicar a aquisição de uma língua na base do mecanismo estímulo-resposta, assume-se o conhecimento inato da linguagem);
- se a linguagem é uma entidade primariamente genética, então semântica e léxico não fazem parte do núcleo duro da gramática: os significados são a componente variável, contextual e cultural da linguagem por excelência, pelo que não é neles que os aspectos universais da linguagem poderão ser encontrados;<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Lembremos as “guerras linguísticas” (Harris, 1993) dentro da comunidade generativista, entre o grupo da Semântica Interpretativa e o grupo da Semântica Generativa.

- se semântica e léxico são secundários, então a gramática deve centrar-se nos sistemas de regras formais; donde a primazia da sintaxe formal na arquitectura da gramática generativa, para a qual contribuiu também a ideia chomskyana da linguagem como um conjunto *infinito* de frases, capaz de ser *gerado* por um sistema de regras;
- se a gramática é um sistema de regras formais, então a aplicação das regras no uso da língua é uma questão de somenos interesse; por outras palavras, o estudo da performance linguística é secundário.

Esta lógica autonomista e isolacionista levou a Gramática Generativa a uma descontextualização radical da gramática: (i) uma descontextualização social, com a mudança de perspectiva da *langue* para a *competência*, do social para o genético e universal; (ii) uma descontextualização cognitiva, com a ênfase nos aspectos genéticos da linguagem e a conseqüente des-semantização da gramática; e (iii) uma descontextualização situacional, com o foco nos sistemas de regras formais e a conseqüente marginalização do uso da língua ou des-pragmatização da gramática.

Embora tenha abandonado alguns dos seus postulados iniciais, Chomsky (1995) mantém esta lógica descontextualizadora no seu recente “minimalismo”, reduzindo a suposta “capacidade da linguagem” geneticamente transmitida a certos usos da recursividade linguística.<sup>3</sup>

## 2.2. Cognitivo com social

O movimento descontextualizador não impediu o desenvolvimento, já nos finais dos anos 60 e na década de 70, de alguns dos domínios considerados periféricos na perspectiva generativista, nomeadamente a sociolinguística, a pragmática linguística e a semântica formal. Todavia, nenhuma destas disciplinas conseguiu incorporar na gramática os respectivos factores contextuais: a sociolinguística e a pragmática desenvolveram-se ao lado da teoria gramatical e a concepção de significado subjacente à semântica formal não é suficientemente contextualizante, porque se restringe aos aspectos referenciais do significado.

A reintrodução na gramática das várias dimensões contextuais da linguagem dá-se mais tarde, nos finais dos anos 80, no momento em que a posição dominante do paradigma generativo vai gradualmente cedendo o seu lugar a novas perspectivas contextualizantes da linguagem. Destacam-se quatro tendências recontextualizadoras (cujas diversas manifestações e formas de desenvolvimento não vamos aqui referir):

---

<sup>3</sup> Apesar das sucessivas transformações, desde a “Teoria Standard” nos anos 60 até ao “Minimalismo” nos últimos anos, há princípios fundacionais do programa de Chomsky que se mantêm inalterados: a centralidade da sintaxe, o pouco interesse pela semântica (sobretudo lexical), o formalismo, a “gramaticalidade” (como qualidade da frase gerada de acordo com as regras formais da gramática), a abstracção, a modularidade, o estatuto periférico dos aspectos variacionais e idiomáticos, a procura de generalizações de alto nível e a Gramática Universal.

- reintrodução do léxico na gramática;
- assunção da centralidade do significado na arquitectura da gramática;
- restabelecimento da ligação da gramática ao uso da língua;
- incorporação do contexto sócio-cultural.

Para qualquer uma destas quatro tendências, a Linguística Cognitiva muito tem contribuído, sendo provavelmente a teoria linguística que mais tem explorado as conexões entre todos estes factores contextuais. Algumas destas tendências têm sido desenvolvidas também pela Linguística Funcionalista, nos seus diversos ramos (modelos gramaticais de Halliday, Dik e Van Valin; estudos sintácticos discursivamente orientados, de Givón e Chafe; estudos discursivos e estudos diacrónicos e tipológicos).

A resemantização da gramática é feita em termos da exploração do significado e das construções gramaticais como manifestações de processos de conceptualização: a Gramática Cognitiva de Langacker (1987, 1991, 1999, 2008) e a Semântica Cognitiva de Talmy (2000) são as principais elaborações desta recontextualização cognitiva. A recuperação do léxico está expressa sobretudo nos modelos cognitivos construcionistas, seja a Gramática de Construções de Goldberg (1995, 2006) seja a Gramática de Construções Radical de Croft (2001). O restabelecimento da ligação entre gramática e performance evidencia-se na própria definição da Linguística Cognitiva como um *modelo baseado no uso* (Langacker, 2000). Nesta recontextualização situacional, assume particular relevância a investigação de Tomasello (2003) sobre a aquisição da linguagem. Em alternativa ao argumento genético de Chomsky, Tomasello mostra como cada etapa do desenvolvimento linguístico é (co)determinada pelo conhecimento e pelo uso linguísticos da criança na etapa actual; por outras palavras, a gramática emerge da performance interactiva da criança. Finalmente, a recontextualização sócio-cultural toma duas formas principais: por um lado, a exploração dos modelos cognitivos e culturais determinantes dos fenómenos linguísticos, como, por exemplo, os estudos de Linguística Cultural de Palmer (1996) e os de Dirven, Frank & Pütz (2003); por outro lado, a emergente Sociolinguística Cognitiva (Kristiansen & Dirven 2008). Destes dois desenvolvimentos, com maior atenção para o segundo, falaremos nas secções 4 e 5.

Se a Linguística Cognitiva está teoricamente bem colocada para integrar no objecto da pesquisa linguística os aspectos sociais da linguagem, também é verdade que o programa sócio-cognitivo e, em particular, o estudo sistemático da variação lectal são ainda tendências minoritárias da sua agenda. Porquê uma certa tensão entre o cognitivo e o social num enquadramento teórico que não só propicia como até implica, como veremos na secção seguinte, a integração dos aspectos sociais no estudo cognitivo da linguagem? Uma razão decorre da própria perspectiva *cognitiva*, que leva a ver a linguagem de um ponto de vista psicológico, como parte da organização do conhecimento na mente individual. Uma outra razão tem a ver com a concepção da cognição humana, mais especificamente, com a tendência em focar a vertente individual e universal da cognição, o seu lado físico e neurofisiológico. Veremos, a seguir, que a integração sistemática dos aspectos sociais na visão cognitiva das línguas anda a par da reinterpretação da cognição humana.

### 3. Razões para ir do psicológico ao social

Pensemos num modelo cognitivo da linguagem com as seguintes características:

- orientação para o significado;
- concepção experiencialista e enciclopédica do significado;
- modelo baseado no uso;
- recontextualização da gramática.

Justamente, cada uma destas características constitui um princípio fundacional da Linguística Cognitiva. Um aspecto teórica e metodologicamente crucial, embora nem sempre devidamente reconhecido, é o de que cada uma destas características implica uma investigação socialmente orientada (Geeraerts, 2005). Temos pois aqui quatro razões para “ir do psicológico ao social”; quatro razões para a não só desejável como inevitável aliança entre o cognitivo e o social. Atentemos, brevemente, em cada uma.

Um *modelo orientado para o significado*, e entendendo significado como *conceptualização*, no sentido mais geral de qualquer experiência mental, não pode descurar a variação sociolinguística como factor também determinante, por duas ordens de razões. Por um lado, a natureza *perspectivista* do significado linguístico, como meio de construir o mundo de determinada *perspectiva* e, assim, de perspectivas alternativas (Langacker, 1987; 1991; 1999; Talmy, 2000) e a sua natureza *flexível e dinâmica* – demonstrada em Semântica Cognitiva pela teoria do protótipo (Geeraerts, 1985; 1997; Taylor, 1995) e pelos modelos de *rede radial* (Lakoff, 1987) e *rede esquemática* (Langacker, 1987) de descrição das categorias polissémicas (Silva, 2006b) – potenciam naturalmente a variabilidade. Por outro lado, a variação sociolinguística constitui uma forma específica de significado, mais precisamente, diferentes tipos de significado não-denotacional: significado emotivo, significado social, significado estilístico e significado discursivo.

Um *modelo experiencialista*, compendiado no princípio filosófico do *realismo experiencial* ou *experiencialismo* e na hipótese da *corporização* (“embodiment”) do pensamento e da linguagem (Lakoff & Johnson, 1980; 1999), deve atender a todas as dimensões da experiência humana, construídas pela e na linguagem: não só a experiência individual (corpórea, neurofisiológica), como também a experiência colectiva, social e cultural e, com ela, as diferenças entre culturas, grupos sociais ou mesmo indivíduos.

Um *modelo baseado no uso* não pode evitar a variação linguística como seu objecto de investigação. A razão é simples: a variação é a consequência imediata e inevitável do uso da língua; nunca uma comunidade linguística é totalmente homogénea e qualquer língua é um *diassistema* social. Por outro lado, o interesse crescente pelos métodos empíricos, implicado por esta mesma razão da importância do uso linguístico, obriga o linguista a ter em conta os aspectos variacionais. Na verdade, um corpus representativo nunca será absolutamente homogéneo, incluindo sempre alguma variação *lectal*. Mesmo que a análise não se centre na variação lectal, esta será sempre um factor, no sentido de que é necessário saber se a variação observável no corpus resulta ou não de factores lectais. Não há, portanto, maneira de evitar a variação linguística a partir do momento em que se assuma, séria e plenamente, um modelo baseado no uso.

Finalmente, um modelo *recontextualizador*, em resposta à *descontextualização* da gramática, não pode deixar de incorporar nenhuma das facetas do *contexto*: não só as bases cognitivas e experienciais dos falantes ou contexto cognitivo e o nível interaccional do uso linguístico ou contexto situacional, como também o ambiente sócio-cultural da língua ou contexto social.

Há uma outra razão, mais profunda, para ir do psicológico ao social. Tem a ver com a própria interpretação da cognição humana. *Pensamento individual* e *acção colectiva* – será esta a equação correcta? Poderemos conceber a cognição sem a interacção? Poderemos continuar a assumir que o pensamento individual interno tem algum tipo de preeminência sobre a actividade supraindividual externa ou sobre o pensamento dirigido para a (inter)acção? Vários filósofos, psicólogos, neurocientistas e linguistas respondem que não. Como exemplo, lembremos a inseparabilidade da cognição e da emoção, demonstrada nos estudos de Damásio (1995, 2000).

Na verdade, tem havido, nos últimos vinte ou mais anos, um alargamento significativo do âmbito da ‘cognição’: desde uma perspectiva puramente *interna* e autónoma, compendiada na ideia (metafórica) da cognição como cérebro, com a primeira geração das ciências cognitivas, à perspectiva da *corporização* (“embodiment”) da cognição ou sua integração no conjunto do corpo físico do indivíduo (Varela, Thompson & Rosch, 1991; Edelman, 1992; Damásio, 1995; 2000; Lakoff & Johnson, 1999; Gibbs, 2005) e, mais recentemente, à inclusão da situação e da interindividualidade na cognição e, assim, à noção de *cognição situada* ou *cognição social* (Zlatev, 1997; 2007; Tomasello, 1999; Bernárdez, 2004; 2005; 2008a, b; Ziemke, Zlatev & Frank, 2007 e Frank, Dirven, Ziemke & Bernárdez, 2008).<sup>4</sup> A cognição é *situada*, já que a actividade cognitiva tem sempre lugar num contexto sócio-cultural; a cognição é *distribuída*, pela repartição do esforço cognitivo entre dois ou mais indivíduos e entre eles e os seus instrumentos cognitivos; a cognição é *sinérgica*, como actividade de colaboração entre indivíduos, não só sincrónica, mas sobretudo sócio-histórica, cujos mecanismos são a imitação e os recentemente descobertos “neurónios espelho”.

#### 4. O social na Linguística Cognitiva e noutras ciências cognitivas

O social e a variação linguística estão presentes em alguns programas de investigação em Linguística Cognitiva, desde o seu início. É o caso do estudo dos *modelos culturais*, “teorias populares” ou *modelos cognitivos culturais*, isto é, representações individualmente idealizadas e interindividualmente partilhadas sobre realidades como o

---

<sup>4</sup> Para a interpretação desta extensão da noção de ‘cognição’, ver, particularmente, Bernárdez (2004, 2005, 2008a, b). Bernárdez sugere que a maior parte da cognição humana depende da acção humana: pensar e fazer estão intimamente ligados, ao contrário do que a cultura ocidental faz acreditar. Argumenta que o nosso cérebro está especialmente capacitado para estabelecer conexões com os cérebros dos outros e que a nossa cognição é tão colectiva como individual, inclusivamente mais cultural que autónoma (Bernárdez, 2008b: 492). É pois necessário abandonar a metáfora “a cognição é o cérebro” (sendo o cérebro necessariamente individual, esta metáfora está na base da concepção da cognição como igualmente individual), pois assim como as pernas, que obviamente estão relacionadas com a locomoção, não são a própria locomoção, assim também o cérebro não é a própria cognição.

casamento, as emoções, a mente, a linguagem, o género e as raças, os astros, normas sociais e jurídicas – desde os trabalhos reunidos por Holland & Quinn (1987) até estudos mais recentes, como os coligidos por Dirven, Frank & Pütz (2003). A investigação sobre estes e outros aspectos da variação cultural, incluindo os estudos sobre a especificidade cultural da metáfora conceptual (Lakoff, 1993; Kövecses, 2005), constitui o que no seio do mesmo paradigma se designa como *linguística cultural* (Palmer, 1996). A tudo isto devem ainda juntar-se os estudos sobre linguagem e ideologia e sobre identidade social, como os de Lakoff no domínio da política (sobretudo Lakoff, 1996) e os mais recentes reunidos em Dirven, Hawkins & Sandikcioglu (2001) e Dirven, Frank & Ilie (2001). E ainda a aplicação de modelos culturais e metáforas conceptuais na caracterização de atitudes linguísticas relativamente a variedades de uma língua, com os estudos de Berthele (2001) e Geeraerts (2003b).

Quanto à variação linguística, ela tem sido estudada na perspectiva cognitiva (ou cognitivo-funcionalista) de três pontos de vista: (i) diacrónico, com a extensa investigação sobre gramaticalização e mudança semântica (por ex., Hopper & Traugott, 1993; Traugott & Dasher, 2002; Geeraerts, 1997; Blank & Koch, 1999); (ii) tipológico e antropológico, incluindo os estudos referidos no parágrafo anterior e outros trabalhos como os de M. Bowerman, S. Levinson e D. Slobin sobre diferenças interlinguísticas; e (iii) psicolinguístico, sobre a aquisição e o desenvolvimento da linguagem, destacando-se o estudo de Tomasello (2003).

Mas a variação intralinguística, essa tem sido menos estudada dentro da Linguística Cognitiva. Representam esta linha de investigação o estudo de Geeraerts, Grondelaers & Speelman (1999) sobre a variação lexical e com uma rica metodologia quantitativa e variacional de corpus, o trabalho de Kristiansen (2003) sobre variação fonética e a recente colectânea de estudos organizada por Kristiansen & Dirven (2008), institucionalizando a *sociolinguística cognitiva*. Mais centrada na variação lectal, a Sociolinguística Cognitiva procura, no entanto, integrar as linhas anteriores de investigação socialmente orientada, examinando as correlações entre a variação linguística e modelos culturais, a variação linguística e a diversidade social e cultural, a variação linguística e ideologias e incluindo as questões de política da língua. Da sua especificidade nos ocuparemos na secção seguinte.

Tanto em Linguística Cognitiva como noutras ciências cognitivas têm tido sucesso dois importantes conceitos: *corporização* (“embodiment”), já referido na secção anterior, ou bases corpóreas e sensório-motoras da mente, da cognição e da linguagem e *situacionalidade sócio-cultural* (“sociocultural situatedness”) ou modos pelos quais mentes individuais e processos cognitivos são configurados por interacções sociais e culturais. A investigação mais recente em diversas ciências cognitivas explora a complementaridade destes conceitos no contexto interdisciplinar dos estudos sobre *cognição situada*. Os dois volumes de “Body, Language and Mind” (Ziemke, Zlatev & Frank, 2007 e Frank, Dirven, Ziemke & Bernárdez, 2008), a recente obra de Bernárdez (2008b) elaborando os conceitos de *cognição sinérgica* e de *mente colectiva* e o “The Cambridge Handbook on Situated Cognition” (2008) são exemplos ilustrativos. Estes trabalhos consolidam uma mudança de paradigma iniciada há já algum tempo. Como escrevia o filósofo Andy Clark há uma década, “talk of embodiment and situatedness



has become increasingly frequent in philosophy, psychology, neuroscience, robotics, education, cognitive anthropology, linguistics, and in dynamical systems approaches to behavior and thought. There is clearly a shift in thinking but the nature and importance of the shift is surprisingly hard to pin down” (Clark, 1999: 345).

### 5. A Sociolinguística Cognitiva

Cabe perguntar o que há de específico na emergente Sociolinguística Cognitiva e que contributo pode ela oferecer à investigação sociolinguística em geral? Podemos apontar três aspectos. Em primeiro lugar, a própria perspectiva cognitiva dos fenómenos variacionais; concretamente, a aplicação dos modelos cognitivos descritivos no estudo da variação linguística. Por exemplo, a abordagem da variação fonética pela teoria do protótipo (Kristiansen, 2003) ou a utilização de metáforas conceptuais e modelos culturais na identificação de atitudes linguísticas (Geeraerts, 2003b). Em segundo lugar, a exploração da *cognição social*, particularmente, a elucidação da interacção dialéctica entre o nível individual cognitivo e o lado social das normas colectivas. Finalmente, mas não menos importante, o desenvolvimento de métodos quantitativos baseados em *corpora* e de métodos de análise multivariacional da confluência de factores conceptuais, discursivos e variacionais dos fenómenos linguísticos.

Da agenda da Sociolinguística Cognitiva fazem parte os seguintes tópicos e questões de investigação (cf. Kristiansen & Dirven, 2008; Silva & Kristiansen, 2009):

- variação lectal, cultura e cognição: diferenças linguísticas locais e nacionais reflectem diferenças culturais? Até que ponto essas diferenças se correlacionam com diferenças cognitivas?
- variação lectal e conhecimento da linguagem: como é que a variação lectal afecta a ocorrência dos fenómenos linguísticos?
- representação cognitiva ou percepção e avaliação da variação lectal: como é que os falantes percebem variedades lectais e como é que as avaliam? Que modelos cognitivos e culturais utilizam para categorizar diferenças lectais e para as avaliar? Como se manifestam as atitudes de purismo e de independentismo linguísticos e que conseqüências têm no desenvolvimento das variedades lectais, em particular das variedades nacionais? Quais os efeitos da propaganda linguística e da globalização no desenvolvimento de variedades linguísticas?
- distâncias linguísticas objectivas e subjectivas: que correlação há entre distâncias linguísticas objectivas, distâncias percebidas e atitudes linguísticas? Até que ponto factores perceptivos e atitudinais influenciam a mudança linguística?
- medir distâncias linguísticas: como medir variação e mudança linguísticas? Como medir e parameterizar convergência e divergência diacrónica entre variedades linguísticas? Como medir a distância sincrónica entre estratos linguísticos?

- inteligibilidade mútua entre variedades lectais: até que ponto é que as distâncias linguísticas objectivas e as atitudes linguísticas influenciam a inteligibilidade?
- correlações entre variáveis: até que ponto se correlacionam variáveis lexicais, variáveis gramaticais e variáveis fonológicas na convergência/divergência, na estratificação e na substandardização de variedades lectais?

## 6. Linhas gerais de um programa de sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro

Desenvolvemos um projecto centrado na questão diacrónica de saber se o português europeu e o português brasileiro se encontram num processo de convergência ou divergência nos últimos 60 anos (Silva, 2006a; 2008a; b; no prelo)<sup>5</sup>. Secundariamente, o projecto pretende também responder à questão sincrónica da estratificação estilística, para saber se a distância entre registos formal e informal é idêntica nas duas variedades nacionais. A primeira fase do projecto ocupou-se da área do léxico. Pretendemos estendê-lo agora ao domínio da gramática. Entre outras questões de investigação mais específicas, estão as seguintes: (i) que parâmetros linguísticos internos influenciam a tendência convergente ou divergente global; (ii) como e até que ponto variáveis lexicais e variáveis gramaticais se correlacionam na convergência/divergência e na estratificação das duas variedades nacionais; (iii) como é que os falantes percebem e avaliam as duas variedades nacionais, que modelos cognitivos e culturais utilizam na conceptualização e avaliação das diferenças linguísticas nacionais, até que ponto factores perceptivos e atitudinais, em particular atitudes independentistas (cf. a questão da “língua brasileira”) e puristas (cf. o mito de que “brasileiro não sabe português”), influenciam o desenvolvimento convergente ou divergente das duas variedades nacionais; e (iv) até que ponto as diferenças linguísticas nacionais reflectem diferenças culturais e se relacionam com diferenças conceptuais.

O projecto utiliza métodos quantitativos baseados em corpus. Está em construção o corpus CONDIVport, actualmente com 4 milhões de palavras do registo formal e 15 milhões de palavras do registo informal, em grande parte disponibilizado pela Linguatca (cf. Silva, 2008c). Entre outros métodos sociolectométricos, são utilizados o método onomasiológico de estudo de variedades linguísticas e medidas de uniformidade baseadas em perfis onomasiológicos. A variação linguística em análise é a variação onomasiológica que envolve palavras denotacionalmente sinónimas (como *avançado*, *atacante*, *dianteiro*, *ponta-de-lança*, isto é, sinónimos referenciais) ou construções denotacionalmente sinónimas (construções sintácticas funcionalmente equivalentes). Esta forma de variação linguística (distinta da variação onomasiológica que envolve diferenças conceptuais, como entre *atacante* e *jogador*) é particularmente relevante do ponto de vista sociolinguístico, na medida em que os sinónimos denotacionais evidenciam diferenças regionais, sociais e estilísticas e são estas diferenças que motivam a própria existência de variedades de uma língua. As medidas de uniformidade

<sup>5</sup> Para mais informações, ver o sítio do projecto em <http://www.facfil.ucp.pt/condiv.html>

calculam a similaridade entre conjuntos de sinónimos denotacionais e permitem quantificar convergência e divergência entre as duas variedades nacionais em termos de aumento ou diminuição de uniformidade. Utilizamos ainda a análise de regressão e outras técnicas estatísticas multivariacionais para medir a correlação entre variáveis lexicais e variáveis não-lexicais, entre estas variáveis dependentes e as variáveis independentes estilísticas e ainda entre as variáveis linguísticas e as variáveis perceptivas e atitudinais.

A investigação sociolexicológica já realizada, com base em termos de futebol e de vestuário, mostra que a hipótese da divergência entre PE e PB se confirma no campo lexical do vestuário, mas não no do futebol: os termos de vestuário são mais representativos do vocabulário comum e, por isso, os resultados do vestuário estarão, provavelmente, mais próximos da realidade sociolinguística; a ligeira convergência no campo do futebol terá sido um efeito da globalização e da standardização do vocabulário do futebol. Entre outros resultados, encontramos bastantes diferenças entre as duas variedades nacionais, nenhuma orientação específica de uma variedade em direcção à outra, e ainda maiores mudanças ao longo do tempo e maior distância estratificacional no PB.

Como extensão actual mais significativa, pretendemos passar das palavras de conteúdo para as palavras funcionais, designadamente preposições, e para as construções sintácticas. Os perfis preposicionais a analisar são restringidos ao mesmo contexto sintagmático, como *falar de/sobre/acerca de/em* ou *ansioso de/para/por*. Os perfis sintácticos incluem (i) construções transitivas e intransitivas e a hipótese da diminuição de transitividade no PB (p.ex. *Esse trem já perdeu*), (ii) construções de *se* e outras construções de voz e a hipótese da diminuição do marcador médio *se* no PB, (iii) construções de elevação e a hipótese da sua difusão no PB, (iv) construções completivas e adverbiais finitas vs. infinitivas, (v) construções causativas sintéticas/analíticas e as inovações sintéticas no PB, (vi) selecção de modo e a hipótese de que o valor-de-verdade da proposição é o factor determinante no PB, (vii) construções temporais e aspectuais, e (viii) padrões alternativos de ordem de palavras.

Uma hipótese sociolinguisticamente relevante é a de que as construções sintácticas e as palavras funcionais se comportam, em termos de variação linguística, diferentemente de outras formas. A questão fundamental tem a ver com a consciência e a atenção: é bem conhecido na investigação sobre variação linguística que as diferenças sintácticas são geralmente menos apreensíveis e evidentes do que as diferenças fonéticas ou as diferenças lexicais. Tendo em conta esta distinção atencional entre léxico (mais consciência) e gramática (menos consciência) e os resultados da nossa investigação anterior, a nossa hipótese é a de (maior) divergência: as palavras funcionais e as construções sintácticas divergirão mais do que as palavras de conteúdo.

## 7. Conclusão

Cognitivo e social estão, afinal, intrinsecamente relacionados. Por um lado, o cognitivo implica o social, visto que a cognição não pode ser entendida como um fenómeno meramente individual, mas antes como uma actividade situada, distribuída e

sinérgica. Por outro lado, o social pressupõe o cognitivo, na medida em que a linguagem reside primariamente nas mentes individuais, sem as quais a interação linguística não poderia existir. Investigações recentes em várias áreas das ciências cognitivas aportam evidências convergentes sobre a corporização e a situacionalidade sócio-cultural da cognição humana. A Linguística Cognitiva tem desempenhado um papel da maior relevância na exploração destes conceitos no estudo da linguagem e na consequente reinterpretção das relações entre linguagem, cultura e cognição.

A perspectiva cognitiva da linguagem implica a integração sistemática da variação social e da metodologia empírica baseada nos dados de um corpus (ou nos dados experimentais) e em técnicas quantitativas capazes de analisar a natureza multivariacional do uso linguístico. Esta integração inevitável marca uma das principais extensões da Linguística Cognitiva nestes primeiros anos do séc. XXI, depois do seu surgimento há três décadas – o desenvolvimento da emergente Sociolinguística Cognitiva, e com ela a derradeira etapa do processo de *recontextualização* da gramática. O grande desafio é saber como é que especificamente interagem os dois tipos de factores da cognição e da linguagem: os factores individuais, neurofisiológicos e universais, de um lado, e os factores interindividuais, sócio-culturais e variacionais, do outro.

### Referências

- Bernárdez, Enrique (2004) Intimate enemies? On the relations between language and culture. In Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres e Miguel Gonçalves (orgs.) *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Vol. I. Coimbra: Almedina, pp. 21-45.
- Bernárdez, Enrique (2005) Social cognition: variation, language, and culture in a cognitive linguistic typology. In Francisco J. Ruiz de Mendoza e Sandra Peña Cervel (eds.) *Cognitive Linguistics. Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 191-222.
- Bernárdez, Enrique (2008a) Collective cognition and individual activity: Variation, language and culture. In Roslyn M. Frank, René Dirven, Tom Ziemke e Enrique Bernárdez (eds.) *Body, Language, and Mind. Volume 2. Sociocultural Situatedness*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 137-166.
- Bernárdez, Enrique (2008b) *El Lenguaje como Cultura. Una Crítica del Discurso sobre el Lenguaje*. Madrid: Alianza Editorial.
- Berthele, Raphael (2001) A tool, a bond or a territory: Language ideologies in the US and in Switzerland. LAUD Paper, n.º 533. Essen: Universität Duisburg-Essen.
- Blank, Andreas & Peter Koch (eds.) (1999) *Historical Semantics and Cognition*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Chomsky, Noam (1965) *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Chomsky, Noam (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Clark, Andy (1999) An embodied cognitive science. *Trends in Cognitive Science* 3 (9), pp. 345-351.

- Croft, William (2001) *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Damásio, António (1995) *O Erro de Descartes. Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Damásio, António (2000) *O Sentimento de Si. O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Dirven, René, Bruce Hawkins & Esra Sandikcioglu (eds.) (2001) *Language and Ideology. Vol. 1. Theoretical Cognitive Approaches*. Amsterdam: John Benjamins.
- Dirven, René, Roslyn Frank & Cornelia Ilie (eds.) (2001) *Language and Ideology. Vol. 2. Descriptive Cognitive Approaches*. Amsterdam: John Benjamins.
- Dirven, René, Roslyn Frank & Martin Pütz (eds.) (2003) *Cognitive Models in Language and Thought: Ideology, Metaphors, and Meanings*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Edelman, Gerald M. (1992) *Bright Air, Brilliant Fire: On the Matter of the Mind*. New York: Basic Books.
- Frank, Roslyn M., René Dirven, Tom Ziemke & Enrique Bernárdez (eds.) (2008) *Body, Language, and Mind. Volume 2. Sociocultural Situatedness*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Geeraerts, Dirk (1985) *Paradigm and Paradox. Explorations into a Paradigmatic Theory of Meaning and its Epistemological Background*. Leuven: Leuven University Press.
- Geeraerts, Dirk (1997) *Diachronic Prototype Semantics. A Contribution to Historical Lexicology*. Oxford: Clarendon Press.
- Geeraerts, Dirk (2003a) Decontextualising and recontextualising tendencies in 20<sup>th</sup> century linguistics and literary theory. In E. Mengel, H.-J. Schmid e M. Steppat (eds.) *Anglistentag 2002 Bayreuth*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag, pp. 369-379.
- Geeraerts, Dirk (2003b) Cultural models of linguistic standardization. In René Dirven, Roslyn Frank & Martin Pütz (eds.) *Cognitive Models in Language and Thought. Ideology, Metaphors and Meanings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 25-68. (republicado em Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres & Miguel Gonçalves (orgs.) *Linguagem, Cultura e Cognição*. Vol. I. Coimbra: Almedina, pp. 47-84)
- Geeraerts, Dirk (2005) Lectal variation and empirical data in Cognitive Linguistics. In Francisco J. Ruiz de Mendoza & Sandra Peña Cervel (eds.) *Cognitive Linguistics. Internal Dynamics and Interdisciplinary Interactions*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 163-189.
- Geeraerts, Dirk & Hubert Cuyckens (eds.) (2007) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford/New York: Oxford University Press.
- Geeraerts, Dirk, Stefan Grondelaers & Dirk Speelman (1999) *Convergentie en Divergentie in de Nederlandse Woordenschat. Een onderzoek naar kleding- en voetbaltermen*. Amsterdam: Meertens Instituut.
- Gibbs, Raymond W. (2005) *Embodiment and Cognitive Science*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Goldberg, Adele (1995) *Constructions. A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press.

- Goldberg, Adele (2006) *Constructions at Work. The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press.
- Harris, Randy A. (1993) *The Linguistics Wars*. Oxford: Oxford University Press.
- Holland, Dorothy & Naomi Quinn (eds.) (1987) *Cultural Models in Language and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hopper, Paul J. & Elizabeth C. Traugott (1993) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kövecses, Zoltán (2005) *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kristiansen, Gitte (2003) How to do things with allophones: Linguistic stereotypes as cognitive reference points in social cognition. In René Dirven, Roslyn Frank & Martin Pütz (eds.) *Cognitive Models in Language and Thought: Ideologies, Metaphors, and Meanings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 69-120.
- Kristiansen, Gitte & René Dirven (eds.) (2008) *Cognitive Sociolinguistics: Language Variation, Cultural Models, Social Systems*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Lakoff, George (1987) *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George (1993) The contemporary theory of metaphor. In Andrew Ortony (ed.) *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 202-251.
- Lakoff, George (1996) *Moral Politics: What Conservatives Know that Liberals Don't*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George & Mark Johnson (1980) *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George & Mark Johnson (1999) *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books.
- Langacker, Ronald W. (1987) *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. 1: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press.
- Langacker, Ronald W. (1991) *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. 2: Descriptive Application*. Stanford: Stanford University Press.
- Langacker, Ronald W. (1999) *Grammar and Conceptualization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Langacker, Ronald W. (2000) A dynamic usage-based model. In Michael Barlow & Susanne Kemmer (eds.) *Usage-based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, pp. 1-63.
- Langacker, Ronald W. (2008) *Cognitive Grammar. A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Palmer, Gary B. (1996) *Toward a Theory of Cultural Linguistics*. Austin: University of Texas Press.
- Saussure, Ferdinand de (1967) *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot.
- Silva, Augusto Soares da (2005) Gramática, cognição e contexto: descontextualizar ou recontextualizar? In Miguel Gonçalves, Augusto Soares Silva, Jorge Coutinho, J. Cândido Martins & Maria J. Ferreira (orgs.) *Gramática e Humanismo. Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*. Vol. I. Braga: UCP, pp. 665-685.

- Silva, Augusto Soares da (2006a) Convergência e divergência no léxico do Português Europeu e do Português Brasileiro: resultados do estudo sobre termos de futebol e de moda. In F. Oliveira e J. Barbosa (orgs.) *Textos Seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 633-646.
- Silva, Augusto Soares da (2006b) *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina.
- Silva, Augusto Soares da (2008a) Sociolinguística Cognitiva, Lexicologia Quantitativa e Variação do Português. Lição para obtenção do título de Agregado na área de Linguística. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 17-18 Junho 2008.
- Silva, Augusto Soares da (2008b) Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem* 16-1, pp. 49-81.
- Silva, Augusto Soares da (2008c) O corpus CONDIV e o estudo da convergência e divergência entre variedades do português. In Luís Costa, Diana Santos e Nuno Cardoso (org.) *Actas do Encontro Linguatca 10 anos*. www.linguatca.pt/LivroL10
- Silva, Augusto Soares da (no prelo) Measuring and parameterizing lexical convergence and divergence between European and Brazilian Portuguese: endo/exogeneity and foreign and normative influence. In Dirk Geeraerts, Gitte Kristiansen & Yves Peirsman (eds.) *Cognitive Sociolinguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Silva, Augusto Soares da & Gitte Kristiansen (2009) Linguistic Variation, Social Cognition and Pluricentric Languages. Workshop do *42nd Annual Meeting of the Societas Linguistica Europaea*, Universidade de Lisboa, 9-12 Setembro 2009.
- Talmy, Leonard (2000) *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Taylor, John R. (1995) *Linguistic Categorization*. Oxford: Clarendon Press.
- Tomasello, Michael (1999) *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge: Harvard University Press.
- Tomasello, Michael (2003) *Constructing a Language: A Usage-Based Theory of Language Acquisition*. Cambridge: Harvard University Press.
- Traugott, Elizabeth C. & Richard B. Dasher (2002) *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Varela, Francisco, Evan Thompson & Eleanor Rosch (1991) *The Embodied Mind*. Mass.: Massachusetts Institute of Technology.
- Ziemke, Tom, Jordan Zlatev & Roslyn M. Frank (eds.) (2007) *Body, Language and Mind. Vol. 1. Embodiment*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Zlatev, Jordan (1997) *Situated Embodiment: Studies in the Emergence of Spatial Meaning*. Stockholm: Gotab.
- Zlatev, Jordan (2007) Embodiment, language and mimesis. In Tom Ziemke, Jordan Zlatev e Roslyn M. Frank (eds.) *Body, Language and Mind. Vol. 1. Embodiment*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 297-337.